

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA): O ENSINO DE HABILIDADES SOCIAIS E COGNITIVAS EM CRIANÇAS AUTISTAS NA SALA DE AULA

APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS (ABA): TEACHING SOCIAL AND COGNITIVE SKILLS IN AUTISTIC CHILDREN IN THE CLASSROOM

SOUSA, Leonara Ribeiro de Camargo¹; CARVALHO, Luana Ferreira²; LEAL, Rita Raquel de Oliveira³; MENDES, Suzana Honorato⁴; NUNES, Vitoria Gabriella Souza⁵; FRIEDRICH, Márcia⁶

RESUMO

Sob a visão de estudo de caso, este artigo tem como objetivo trazer para o corrente trabalho de conclusão de curso um relato de experiência vivenciada com uma criança autista em sala de aula. O recurso em questão é o uso da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), uma abordagem usada para ensinar crianças dentro do espectro autista. Será abordado de forma breve considerações acerca do Autismo, o conceito, utilidade da ABA, e, a apresentação do relato de experiência para uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento por meio da intervenção e a sua configuração de acordo com o contexto educacional que esta criança, em específico, está inserida. A pesquisa aponta que houve uma efetiva evolução da criança TEA em sala de aula com a abordagem ABA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Austista. Análise Comportamental Aplicada. Desenvolvimento do Comportamento. Ensino de Habilidades.

ABSTRACT:

Under the vision of a case study, this article aims to bring to the current course completion work a report of experience lived with an autistic child in the classroom. The resource in question is the use of Applied Behavior Analysis (ABA), an approach used to teach children within the autistic spectrum. Considerations about Autism, the concept, usefulness of the ABA, and the presentation of the experience report for a better understanding of the development process through intervention and its configuration will be briefly addressed according to the educational context that this child, in particular, is inserted. The research points out that there was an effective evolution of the child ASD in the classroom with the ABA approach.

KEY WORDS: *Autism Spectrum Disorder. Applied Behavioral Analysis. Behavior Development. Skills Teaching.*

1. INTRODUÇÃO

¹Leonara Ribeiro de Camargo Sousa. Curso Pedagogia. E-mail: leonara.ribeiro@hotmail.com

²Luana Ferreira Carvalho. Curso Pedagogia. E-mail: luana.carvalho22lc@gmail.com

³Rita Raquel de Oliveira Leal. Curso Pedagogia. E-mail: oliveiraritararaquel@gmail.com

⁴Suzana Honorato Mendes. Curso Pedagogia. E-mail: suhmends.26@gmail.com

⁵Vitoria Gabriella Souza Nunes. Curso Pedagogia. E-mail: vitoriagabriellasn@gmail.com

⁶Márcia Friedrich. Professora Orientadora. Mestre em Educação em Ciências e Matemática (UFG). Graduada em Matemática e Física, Graduada em Ciências, Graduada em Pedagogia. Professora da Facunicamps desde 2018. E-mail: marcia.friedrich@facunicamps.edu.br

De acordo com o conceito em relação à abordagem teórica da sigla ABA em inglês, evidencia uma abreviação de “*Applied Behavior Analysis*”, sendo traduzida para “Análise Comportamental Aplicada” ou “Análise do Comportamento Aplicado”, no qual se baseia em uma metodologia behaviorista na área da Psicologia Cognitiva em realizar aprendizagens que se elevam para reforçar os bons comportamentos (LEAR, 2004, p. 1-4). É perceptível que o uso do termo “ABA”; “Material ABA”; “Terapia ABA”, causa um efeito de estranheza e desconhecimento por muitas pessoas, sobretudo entre profissionais da educação que não estão envolvidos ou familiarizados com métodos de ensino-aprendizagem para crianças autistas, ocasionando ociosidade no pensar e planejar o ensino voltado para o TEA, provocando a falta de perspectivas e potencialização dos mesmos.

Com a justificativa de fomentar o acesso ao conhecimento do uso da Análise Comportamental Aplicada no ambiente escolar, ampliando o repertório de utilização dessa abordagem como um dos caminhos inclusivos e de intervenção em crianças dentro do espectro autista, apresenta e relata-se um estudo de caso, descrevendo como ocorre na prática e na realidade escolar o intermédio da ABA. Como se dá o desenvolvimento da criança que recebe o ensino por meio desta abordagem, para além, almeja-se contribuir para a comunidade educacional e científica de inclusão brasileira, em específico crianças autistas, ultrapassando os rastros de métodos sombrios do passado.

Este trabalho investigativo, objetiva tornar a pesquisa voltada para métodos, planejamentos e o pensar de modo inclusivo que proporciona ao desenvolvimento das crianças autistas no ambiente educacional; trazendo ferramentas e abordagens voltadas para formação de habilidades e ampliar das ações motoras e cognitivas desde pequenas no reforçamento do comportamento positivo que é um dos campos presentes no trabalho com o uso da ABA. Os referenciais teóricos que abordam o assunto autismo, a criança autista, a sala de aula com crianças autistas e a configuração da ABA para crianças autistas foi explicitado por meio da metodologia do trabalho de pesquisa. Possibilitou a reflexão do estudo de caso que ocorreu em uma escola apontando claramente o desenvolvimento e a aprendizagem de uma criança autista da Educação Infantil com a intervenção ABA.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO

AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) de acordo com Cunha (2017, p. 1), transparece nos primeiros meses de vida afetando a comunicação, o comportamento e a interação social, mas, mesmo assim, os sintomas podem tornar-se aparentes somente após os três anos de idade. Cunha (2017, p.1), comenta que a palavra autismo tem derivação do grego “autos” e pode significar “voltar a si mesmo”, e por isso, o uso dessa palavra deu início pelo psiquiatra Eugen Bleuler na busca de descrever e identificar a esquizofrenia em seus pacientes, bem como foi utilizado por Leo Kanner, que ressalta que a síndrome foi “descrita pela primeira vez por Leo Kanner em 1943 denominada como “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” (MELLO, 2007, p. 11).

A criança com autismo tem dificuldades em interagir com outras pessoas, mudanças de rotina e de expressar suas necessidades. Onde não tem medo de perigos, apresentam pouco contato visual, sendo eu não respondo a ordens verbais, sendo que ao invés de se expressar verbalmente, usam-se gestos ou sinais. O diagnóstico do autista se dá pela observação do comportamento da criança, pois nos dias atuais não existem testes específicos para sua comprovação. O autismo se compreende por uma síndrome complexa. (SILVA; FRIGHETTO; SANTOS, 2013 *apud* MIRANDA, B. de M. *et al*, 2019, p. 3)

Mesmo após pesquisas e estudos, a causa do autismo ainda é incerta. As pesquisas traçam-nos como uma anormalidade genética, psíquica ou até mesmo por problemas durante a gestação sendo também mais notório em meninos do que em meninas, afetando, assim, áreas do desenvolvimento como a imaginação, comunicação e a socialização (SILVA; FRIGHETTO; SANTOS, 2013). Mello (2007) descreve o autismo como algo que não se limita a condicionamento de extremos, mas sim, uma transitoriedade classificada em graus do leve até o severo, porém, compreende-se que há possibilidades de o autista modificar o seu atual comportamento. Não menos importante, o diagnóstico para o autismo deve ser realizado de forma clínica e por uma equipe multidisciplinar, uma vez que “Não existe um marcador biológico que determine o diagnóstico dispensando a observação clínica que, aliás, é o meio pelo qual se estabelece o diagnóstico”(MESQUITA, W. S.; PEGORARO, R. F., 2013, p. 325).

3. CONCEITO TEÓRICO DA ABORDAGEM ANÁLISE COMPORTAMENTAL APLICADA (ABA)

3.1. Descrição sobre o uso da ABA em crianças autistas

A Análise do Comportamento aplicada é uma abordagem usada tanto em casas e clínicas, quanto na escola, durante as aulas em sala de aula e nos demais ambientes escolares, visto que a ABA reveste desde habilidades acadêmicas até as sociais.

O programa é não-aversivo - rejeita punições, concentrando-se na premiação do comportamento desejado. O currículo a ser efetivamente seguido depende de cada criança em particular, mas geralmente é amplo: cobrindo as habilidades acadêmicas, de linguagem, sociais, de cuidados pessoais, motoras e de brincar. (LEAR, 2004, p. 5)

Considerando que a ABA é uma abordagem e não uma metodologia, e tendo em vista o que foi citado, existem diferentes maneiras de intervir usando a ABA. "A ciência que apoia a intervenção (...) é a mesma; somente a maneira de aplicá-la varia" (LEAR, 2004, p.7). Isso significa que assim que se aprende a usar os conceitos básicos desta abordagem, pode-se aplicá-la da maneira que se achar eficiente. Um dos métodos de aplicação é o Ensino por Tentativas Discretas (*Discrete Trial Teaching* - **DTT**).

[...] caracteriza-se por dividir sequências complicadas de aprendizados em passos muito pequenos ou "**discretos**" (separados) ensinados um de cada vez durante uma série de "**tentativas**" (*trials*), junto com o **reforçamento positivo (prêmios)** e o grau de "**ajuda**" (*prompting*) que for necessário para que o objetivo seja alcançado. (LEAR, 2004, p. 6)

Sendo assim, o Ensino por Tentativas Discretas acontece por etapas, havendo durante a execução destas, os reforçamentos positivos e o grau de ajuda que depende da necessidade de auxílio de cada criança. Pensando, por exemplo, em uma criança autista não verbal que ainda não sabe expressar que quer ir ao banheiro oralmente, apenas apontando, para ensiná-la a falar "eu quero ir no banheiro" utiliza-se este método. Dessa forma, quando a criança chamar a atenção de algum responsável para ir ao banheiro e apontar, no primeiro dia de aula, por exemplo, o responsável irá ensiná-la mediante ajuda verbal total apenas a palavra banheiro. Ressalta-se que esse ensinar deverá ser por etapas: primeiro a criança completa "banhei - ro; em um outro dia completa ba-nheiro; finalmente, ela diz a palavra completa "banheiro". Nesses casos, o reforçamento positivo pode ser levá-la ao banheiro assim que ela falar. Em sala de aula, pode-se usar este método, assim, usa-se uma série de tentativas discretas, reforçamento positivo, e o grau de ajuda necessário durante as demandas da rotina e atividades escolares sendo aplicado pela mediadora da criança. Ressalta-se, contudo, que a

DTT não é a ABA, e sim um dos métodos de aprendizagem dentro dessa abordagem.

3.2. A criança autista inserido no contexto da sala de aula

A criança autista, assim como observamos a definição de autismo no subtítulo anterior tem suas particularidades e que demanda especificidades, compreensão, amparo legal e social no cuidado e interação em diversos ambientes. Dentro da sala de aula, o zelo para transmitir a acessibilidade, inclusão e garantir o desenvolvimento da criança com TEA se intensifica no concerne de empecilhos e dificuldades enfrentadas pelo aluno autista inserido no espaço escolar e pelos professores regentes.

O autismo apresenta algumas características como: crescimento irregular revelado antes dos 3 anos de idade, isolamento social; dificuldade de comunicação; comportamento focalizado e repetitivo; medos, fobias; distúrbio no sono e na alimentação; crises de fúria e nervosismo (CUNHA, 2016). É preciso paciência e conhecimento para conseguir entender esses comportamentos, portanto, o apoio e o carinho da família possibilitam uma boa relação com a criança autista. A família é quem direciona a criança as primeiras aprendizagens voltadas a valores e culturas, e nesse primeiro processo de aprendizagem no âmbito familiar que iniciam os primeiros desafios relacionados ao comportamento que muitas vezes se tornam agressivos. (CADORI, S.; ALBRECHT, A. R. M, 2022, p. 5)

Quando a criança se vê em frente a uma sala com diversidade de pessoas, sons/barulhos e interações como brincadeiras e atividades que necessitam de participação coletiva, esta criança se encontra perdida e desamparada, pois, há um enfrentamento no desenvolvimento social na criança autista nas suas formas de agir e lidar com o ambiente novo que ela foi introduzida. Afinal, entendemos que pessoas com TEA podem se sentir deslocadas e apresentar comportamentos diferentes dos demais e manifestar tendências a se isolar na sala de aula como descrito na citação a seguir:

O indivíduo com TEA, conforme o DSM-5 (APA, 2013), caracteriza-se por apresentar um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da inserção social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações do transtorno variam imensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica. O atraso pode ocorrer em pelo menos uma das seguintes áreas: interação social, linguagem comunicativa, jogos simbólicos ou imaginários (BAGAROLLO, *et al.*, 2013 *apud* CABRAL, C. S.; MARIN, A. H., 2017, p. 4)

Os autores Ferraioli e Harris (2011, *apud* CABRAL, C. S.; MARIN, A. H., 2017, p. 4) aborda ainda que:

Em função da especificidade dos TEA, a inclusão de crianças com tal diagnóstico provoca discussões frequentes sobre formas possíveis de intervenção na escola.

Nesse sentido, faz-se necessário que o professor tenha conhecimento sobre as características de cada aluno com TEA para a construção das aulas e sua inclusão na turma.

Segundo Lear (2004), identifica-se diversos padrões de comportamento na criança no espectro autista, estes que podem apresentar estranheza e comportamentos “anormais”, atraso ou dificuldades nas principais áreas do desenvolvimento, sendo elas: físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Podem se apresentar de formas e níveis variados, são percebidos na forma que a criança brinca e focaliza em alguma coisa/objeto. Transparece não estar escutando ou dando atenção para outras coisas a sua volta; sensibilidades aos sons; podem apresentar também comportamentos repetitivos e de seletividade; demonstrar falta de afeto; ou ter muito apego a alguém ou algum material e também podem aparentar ter comportamentos mais agitados, agressivos, dentro outros comportamentos atípicos que podem ocasionar o afastamento e distanciamento por parte dos outros alunos e até mesmo dos docentes. Sendo assim,

[...] é importante que as crianças que frequentam o ensino regular estejam informadas sobre o que é uma criança autista, isso ajuda na socialização e na adaptação tanto da criança, como dos colegas e do professor. Assim, por meio do diálogo o professor poderá analisar como está o processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, e encontrar uma didática de ensino que faça o aluno aprender, pois, ao receber uma resposta do aluno, o professor vai dialogar com ele a fim de compreender o processo de ensino, para que se discutam novas práticas pedagógicas reelaborando sua aprendizagem (CADORI; ALBRECHT, 2022, p. 5).

No contexto da sala de aula, Cadori e Albrecht (2022) abordam que o estudante, incluindo a criança com TEA deve ter a oportunidade de desenvolver todas as áreas na qual necessitar, como as interações sociais, desenvolvimentos e habilidades motoras, comunicativas e cognitivas. Mantoan (2003) disserta que incluir o aluno somente o matriculando na escola e direcionando ele para uma turma não é propor uma educação inclusiva. Promover e trabalhar pensando em atividades, rotinas, conteúdos e materiais que irão inserir todos os estudantes juntamente com o aluno no espectro, reproduzir uma atividade coletiva ou até mesmo que de forma individualizada estes alunos estejam em movimento e alinhados na interação e ação da atividade proposta, isso sim é promover e caminhar para a inclusão da criança em todos os seus aspectos. Nesse viés, Candori e Albrecht nos diz que:

Portanto, entende-se que o objetivo da inclusão é possibilitar boas condições de aprendizagem para todos de forma que venha transformar as ações pedagógicas de todas as escolas que possuem ensino regular. A inclusão da criança autista deve promover o desenvolvimento e o processo de ensino e aprendizagem acontecer, a criança não deve estar inserida na escola só por estar a educação deve acontecer de forma integral. (CADORI; ALBRECHT, 2022, p. 5)

Oliveira (2020), reforça que a importância dos professores e professoras em seu exercício da função (regentes e auxiliares) e até mesmo professores em formação buscarem, pesquisarem e estudarem sobre as especificidades que seus alunos possam ter para poder acolhê-los e promover a inclusão deles. Mas para isso, o planejamento da aula deve ser pensado e elaborado de forma que seja construído para todos os alunos e suas necessidades de aprendizagem e desenvolvimento, organizando também estar em constante revisão de suas práticas no ensino- aprendizagem, para trazer novas maneiras de educar e interagir com seus discentes, principalmente no processo de encontrar ações de aproximação e afetividade com seu aluno autista.

Atividades que auxiliam o processo de ensino-aprendizagem que agucem a sua consciência sensorio motor, fino e grosso, como atividades que utilizem pinças, jogos com botões, garrafas pets, estimulando o toque em materiais fofos, como almofadas, entre outros. É provável que o aluno, no início de seu convívio com o professor, demonstre agressividade, desinteresse, porém, cabe ao educador criar estratégias que diminuam essas problemáticas e conduzir os conteúdos pertinentes ao seu desenvolvimento. (LUCKESI, 2005, p. 27 *apud* OLIVEIRA, F. L., 2020, p. 3).

Oliveira (2020), ainda compreende que instruir alunos autista pode ser um trabalho mais desafiador e complexo, mas o professor deve manter uma postura atenta, investigativa e observar os empecilhos e progressos dos alunos com autismo:

Trabalhar com crianças com autismo é um desafio diário. O professor terá que perceber as dificuldades, as limitações e as potencialidades, gostos e estímulos que mais o auxiliarão a atingir os objetivos com esses alunos. As atividades lúdicas são importante para o desenvolvimento social, cognitivo, a capacidade psicomotora e afetiva da criança autista, proporcionando o prazer de aprender e se desenvolver, respeitando suas limitações, assim, “tenho a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a “plenitude da experiência” (LUCKESI, 2005, p. 27 *apud* OLIVEIRA, F. L., 2020, p. 3).

Muito embora, salienta-se que na realidade não há apoio ou preparo eficiente desses profissionais da educação na promoção de ensino dedicado de forma específica para cada aluno, muitos desconhecem ferramentas que podem auxiliá-los na educação das crianças autistas (CADORI; ALBRECHT; 2022).

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho decorreu-se no formato de estudo de caso, para isso, apresentamos um relato de experiência que foi sondado a partir de evidências e

vivências, observadas durante o acompanhamento diário no decorrer de um ano, em um estágio com uma criança autista de três anos de idade na etapa da Educação Infantil. Para desenvolvimento e complementação foi realizado, por meio de relatórios, feitos registros dos avanços (ou não avanços) da criança com o apoio da ferramenta ABA, especialmente nas intervenções planejadas na rotina proposta para o cotidiano na escola (instituição privada), analisando dessa maneira, se a utilização da ABA foi e se ela é eficiente para o ensino de crianças com Transtorno do Espectro Autista no contexto de sala de aula.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1. Relato⁷ de desenvolvimento de uma criança autista com o uso da ABA

Este relato irá tratar de uma criança autista, nível severo, seu desenvolvimento e processo de ensino-aprendizagem em sala de aula durante o período de um ano. O relato a seguir foi realizado por meio do estágio de uma das autoras deste artigo, que acompanhava esta criança, porém na instituição havia outros alunos TEA que recebiam mediação. João (nome fictício) ingressou na escola com dois anos, no maternal I. Somente no maternal 2, com três anos de idade, teve o diagnóstico do transtorno do espectro autista. A escola em questão, oferece mediadora a cada criança autista, com algum transtorno ou deficiente, portanto, João começou a ter uma mediadora em sala de aula para acompanhá-lo, visto que por conta do transtorno, não conseguia acompanhar como os demais alunos da turma.

Dentro de sala de aula, trabalha-se com a criança por meio de uma mediadora - pessoa responsável por ensinar e acompanhar a criança autista de forma exclusiva em uma sala de aula regular, direito previsto na Lei Federal nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, no Art. 3º Parágrafo Único, dos direitos da pessoa autista, que estabelece que: "Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado". Contudo, esta lei não afirma que há a necessidade de se usar a abordagem ABA para ensinar essas crianças, neste caso, fica a critério de cada instituição.

⁷ Relato de uma acadêmica que trabalha com o João. Co-autora deste trabalho. Foi autorizada a publicação do relato.

Importante salientar, que fora da escola, a criança também tem acompanhamento multidisciplinar com psicóloga, musicoterapeuta e fonoaudióloga. Por ser uma criança com necessidades especiais, possui um Plano Educacional Individualizado. Nesse plano, é tratado o ensino de habilidades de atenção, imitação, de linguagem receptiva, linguagem expressiva e habilidades pré-acadêmicas, todas acompanhadas no documento por seus procedimentos, metas e prazos bem como recursos didáticos e estímulos. Este plano é atualizado semestralmente.

5.2. Tabela de Lovaas (1987)

De acordo com Lear (2004, p. 1-6 e 7), a primeira pessoa a aplicar os princípios da abordagem ABA (análise do comportamento aplicada) foi o psicólogo Ivar Lovaas. Este, realizou um estudo de 2 anos sobre o "tratamento de modificação comportamental em crianças autistas". É visto por meio dos resultados, que em um grupo de 19 crianças, 47% dessas que receberam intervenção com ABA (análise do comportamento aplicada) chegaram a um nível normal em se tratando do campo intelectual e educacional e foram bem sucedidos na primeira série de escolas públicas, 40% deste grupo finalizou os estudos com autismo "moderado" ou "razoável" e apenas 10% com um nível de autismo "severo" ou "ruim". Em comparação, um grupo de 40 crianças que não tiveram o meio de intervenção ABA, 2% chegaram a um nível normal em questão intelectual e educacional, 45% foram "moderados" ou "razoáveis" e 53% finalizaram com nível "severo" ou "ruim".

Imagem 1: Tabela de Lovaas

Estudo de Lovaas – 1987:	Resultados		
	Recuperados	Razoáveis	Ruins
Crianças tratadas com ABA	47%	40%	10%
Crianças NÃO tratadas com ABA	2%	45%	53%

Fonte: Lovaas (1987)

Esta tabela, segundo a autora Lear (2004, p. 1-7) é um resumo dos resultados do estudo do Psicólogo Ivar Lovaas, que registra a comparação de um grupo de 19 crianças que receberam intervenção ABA versus 40 crianças que não receberam.

Refletindo sobre o tempo de estágio em uma escola privada, sendo mediadora de uma

criança autista em uma sala de aula regular, é perceptível a importância de uma "mediadora" para ajudar, auxiliar e ensinar uma criança autista em sala de aula, visto que a professora regente não consegue acompanhar toda a turma e a criança com autismo especificamente. Com o respaldo do Plano Educacional Individualizado e ensinando por meio da abordagem ABA, a criança alvo deste relato de aprendizagem foi se desenvolvendo dentro da sala em todas as áreas de habilidades (atenção, imitação, linguagem receptiva, linguagem expressiva e pré-acadêmica).

No primeiro semestre de 2021, João era uma criança que não tinha habilidade para se sentar, passava praticamente a manhã inteira na escola correndo. Não sabia esperar, não se socializava com ninguém, tinha medo de ir ao banheiro e de usar o vaso sanitário, não bebia água na escola e comia poucas vezes, e quando comia era sempre a mesma comida (uma bolacha e Danone), a única palavra que falava na escola era "massinha", não tinha contato visual, tinha muita resistência em realizar as atividades de sala, usava fraldas e mais algumas questões. A escola começou a trabalhar com ele em sala de aula aliado ao trabalho desenvolvido pelos demais profissionais da equipe multidisciplinar. Para que isso se efetivasse, reuniões eram feitas com psicólogos e terapeutas.

As habilidades são ensinadas com a ajuda dos “reforçadores”, esses reforçadores são objetos ou ações que reforçam um comportamento ensinado, a fim de que ele aconteça mais vezes. Neste caminho, o reforçador precisa ser algo que a criança goste bastante. De acordo com Miltenberger (2001 *apud* LEAR, 2004, p. 3-1) “Reforçamento é um processo no qual um comportamento é fortalecido pela consequência imediata que seguramente segue a sua ocorrência.” Quando um comportamento é fortalecido, é mais provável que aconteça no futuro.

5.3. O Desenvolvimento de habilidades

5.3.1. Habilidades de atenção – sentar, esperar, contato visual.

João iniciou o ano não conseguindo ficar sentado nem por 10 segundos seguidos, sem ter a necessidade de levantar, o contato visual era praticamente nulo, não conseguia esperar e não se atentava ao chamado do seu nome. Aos poucos fomos trabalhando cada uma dessas habilidades. A cada meta que João alcançava ele era reforçado com massinha, correr, abraços

e palavras, reforçadores fortes para a criança. Mediadora dava o comando: “João, sentar” e já o conduzia à cadeira.

Nos primeiros dias, assim que ele se sentava, já era reforçado, “Muito bem, aqui a massinha!”. Para que o comportamento fosse mantido, a massinha era deixada em sua mão para que ele ficasse brincando, e sempre que ele se levantava a mediadora pegava a massinha de sua mão, e ele só receberia de volta quando se sentasse novamente. Com o passar dos meses, João já conseguia ficar sentado e já não era mais necessário que a massinha ficasse em sua mão para que permanecesse, entretanto, o reforçamento do comportamento ainda era necessário.

Durante a explicação de algum conteúdo pela professora, ele ficava sentado, enquanto a mediadora complementava a explicação da professora enfatizando palavras chaves com auxílio de objetos visuais. Ao final da explicação, com a criança permanecendo sentada, era reforçada com palavras, gestos e a massinha ou algum outro objeto que gostasse muito: “Muito bem João, você ficou sentado o tempo todo.” (frase falada com entusiasmo e ao final entrega o brinquedo ou objeto que a criança gosta muito, que aqui é a massinha).

Ao final do ano, a habilidade de sentar foi apreendida. João consegue permanecer sentado durante os momentos necessários e o reforçamento ainda acontece. Com relação ao contato visual e o ato de esperar, aconteceu de forma semelhante, sempre que João olhava, mesmo que de forma rápida quando era chamado ou solicitado e quando esperava a sua vez para algum ato, o comportamento era reforçado. Assim, foram outras duas habilidades adquiridas.

Importante reforçar que a mediadora o tempo todo trabalha verbalizando, para que a criança também vá expandindo a sua linguagem.

5.3.2. Habilidades de imitação

Considera-se a habilidade de Imitação um importante aprendizado para a criança. Em concordância com a Dra. Deborah Kerches (2019), a imitação deve ser aprendida na infância, entendendo-a como um pré-requisito para a aquisição de novas habilidades e repertório de comunicação social. É imitando o outro em gestos, palavras e comportamentos que esta aprendizagem é efetivada. Ainda segundo a doutora, a criança autista que não aprende essa

habilidade de Imitação pode ter grandes dificuldades no futuro em se tratando de relacionamentos, comunicação, socialização e autonomia.

Considerando o que foi dito acima, foi ensinada esta habilidade também a João. Eram escolhidas inicialmente imitações simples como bater palmas, levantar os braços até chegar a imitações mais complexas como por exemplo, alongamentos na aula de educação física. Essa habilidade foi ensinada seguindo o mesmo padrão das demais. Bater palmas por exemplo, a mediadora dava o comando "João, faz igual (a mediadora batia palmas) logo em seguida, já pegava as mãos da criança e dava auxílio físico total para que ela imitasse, e reforçava o comportamento: "MUITO BEM JOÃO! (entregava algum objeto reforçador ou fazia alguma ação que ele gostava muito). Dessa forma, as ajudas foram se tornando parciais até que ele chegou a independência na imitação. O avanço que podemos ver nessa área é durante a educação física, ele consegue imitar o professor nos alongamentos, quando está tendo ensaios para alguma apresentação, assim por diante.

5.3.3. Habilidades de linguagem receptiva

Nas habilidades de Linguagem Receptiva, também foi observado um grande avanço. No início do ano de 2021, comandos simples eram dedicados a João, como "Joga o papel no lixo", "abre a mochila", "pega a bola", ele não atendia e não fazia o que era pedido. Começamos trabalhando essas habilidades também aos poucos, respeitando o processo e sempre buscando levar João a dar o seu melhor, porque sabíamos do que ele era capaz. Para discutir sobre essa área, o exemplo de pegar agenda na mochila é fundamentalmente importante, assim que chegar na aula e colocar na mesa da auxiliar que implica: abrir a mochila, tirar a agenda, fechar a mochila e levar para a mesa da auxiliar.

Neste caso, a criança aprendeu a seguir quatro instruções, começando por abrir a mochila: a mediadora a recebia na porta e logo já dava a primeira instrução, que nesses primeiros dias era realizada com ajuda física total, ou seja, era dado o comando "João, abre a mochila" e logo a mediadora já pegava na mão da criança e abria a mochila junto com ela, dando um reforçador e falando "MUITO BEM!" ou "PARABÉNS JOÃO!".

Conforme o passar dos dias, estas ajudas foram diminuindo, conseqüentemente na semana seguinte a ajuda era parcial, a mediadora apenas dava o comando e levava a sua mão a mochila para que a criança abrisse e depois a criança já se tornou independente, precisando

apenas do comando para realizar a instrução de um passo. Após o aprendizado dessa instrução, a mediadora já ensinava outra da mesma maneira, nos primeiros dias com ajuda física total, depois uma ajuda parcial até que a criança consiga realizar de forma independente. Hoje João atende a muitas instruções.

5.3.4. Habilidades de linguagem expressiva

Esta habilidade está relacionada a fazer pedidos, recusas, desejos, expressar emoções, nomeação, cumprimentar pessoas, apontar, estruturar frases, responder e fazer perguntar, como também narrar acontecimentos. João, se tratando de linguagem expressiva entrou na escola conseguindo apontar quando queria algo, e a única coisa que falava ao apontar era "massinha". Nesse aspecto, começou-se o trabalho desta habilidade para potencializar e expandir ainda mais o vocabulário da criança. Todo trabalho era feito no dia-a-dia, de acordo com a rotina. No lanche, por exemplo, João gostava muito de bolacha e Danone, então nesse momento começamos a ensinar novas palavras (e depois frases) usando essas comidas como reforçadores: A mediadora sentava em frente de João e perguntava "O que você quer?", Logo, ele já apontava para o lanche, e em seguida a mediadora já falava "bolacha", sinalizando que era para ele pedir a bolacha.

Nos primeiros dias, João apenas pedia completando a palavra (bola-**cha**) e logo a mediadora já reforçava o comportamento entregando a ele. Aos poucos a mediadora ia aumentando a demanda, ou seja, para completar a palavra a mediadora só falava a primeira sílaba para que ele falasse o resto (bo-**lacha**) e assim por diante até que ele aprendesse a pedir a bolacha de forma independente. Quando ele aprendeu a falar, logo foi introduzido o ensino de frases, nesse caso: eu quero bolacha. E foi dessa maneira que ele foi sendo ensinado, por meio de demandas que eram dadas, modelos de demanda e reforçamento do comportamento.

No final do ano, percebeu-se um grande avanço na linguagem expressiva de João. Consegue pedir para ir ao banheiro, beber água, para brincar, expressar desejos como " quero descer", "quero ir pro parquinho", "quero ir embora". Nomeia vários objetos da sala, mesa, cadeira, armário, estante etc. Já sabe reconhecer familiares, colegas da sala e professores. Ainda não narra acontecimentos, mas está em processo de aprendizado. Aos poucos, ele vai avançando e aprendendo.

5.3.5. Habilidades pré-acadêmicas

Esta habilidade visa ensinar noções pedagógicas básicas para realização das atividades escolares. Por meio do método ABA, João aprendeu muitas letras do alfabeto, números, consegue realizar o pontilhado do seu nome de forma independente e aprendeu a escrita de alguns números e letras. Reconhece meios de transportes, partes do corpo humano, sabe pular, escorregar, segurar, apertar e soltar. Ainda há muito o que aprender, e com paciência respeitando o processo, João ainda aprenderá muito mais.

5.3.6. Brincar Funcional

Entende-se o brincar como algo de grande importância para a criança, pois durante brincadeiras há o convívio social, o seguimento de regras, tolerância a frustração, etc. O brincar funcional é aquela brincadeira que "tem sentido". Inicialmente, João pegava por exemplo um carrinho e ficava apenas mexendo nele, o brincar Funcional seria ele pegar esse carrinho e andar com ele no chão por exemplo. Esta habilidade até o final do ano de 2021 (ano de realização do estágio) ainda se encontrava em processo.

O brincar funcional da criança continuava sendo mediado pela mediadora, mesmo assim, foi visto um avanço nesta área. Para brincar de carrinho nos intervalos, a mediadora chamava outra criança para brincar junto com João. Nesse brincar colaborativo, era trabalhado o brincar funcional do carrinho, e conseqüentemente teria que esperar a vez dele pegar no carrinho além de ter interagido com outra criança.

Por meio desse relato, pode-se perceber e apontar uma desenvoltura e evolução do João em suas especificidades. Lacerda (2019, p. 1) afirma que "é preciso que nos lembremos de que as pessoas com autismo crescem e nós, pais, morremos, de modo que a independência é um elemento-chave para a qualidade de vida". O objetivo de fundamentar, desenvolver e ensinar práticas de habilidades sociais e cognitivas usando uma abordagem como a ABA trouxe resultados observáveis e progressivos para a criança TEA de grau severo, lembrando que os fatores de reforçamento no ambiente de interação do João eram bem acompanhados, mediados e monitorados dentro e fora da sala de aula. Essa fusão da rede de apoio fortaleceu o ritmo de aprendizagem e modificou o comportamento do João.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de ensinar João, desde o início do ano de 2021, foi difícil, não somente para mediadores, professores, psicólogas e família, mas também para o próprio autista, pois todas essas habilidades que ele adquiriu e algumas que estão ainda em processo de ensino, tirou-o e ainda o tira da sua “zona de conforto”. Houve algumas vezes regresso, ao invés de avanço no processo de aprendizagem do João, ou seja, algo que ele havia aprendido, por algum motivo não estava mais fazendo. Isso significa que algumas vezes é necessário recomeçar, e sempre fazer manutenção de comportamentos adquiridos, entendendo que isso também faz parte da aprendizagem.

Apesar de tanta dificuldade e exaustão no começo para ambas as partes, sempre foi gratificante ver João avançando e aprendendo cada vez mais. O que motivava professores, profissionais e a família a querer ensiná-lo mais ainda era o fato da criança também se motivar todos os dias para continuar aprendendo. De fato, não é fácil para a criança, pois se dependesse de sua própria vontade, ela permaneceria tendo comportamentos sem função, mas para que o aprendizado aconteça é necessário que ela avance mesmo nas dificuldades para ele. João é um ótimo exemplo da aquisição de independências, hoje consegue ir ao banheiro fazer as necessidades fisiológicas com autonomia, já lava as mãos sem que tenha que pedir, consegue pegar uma colher e comer um iogurte sozinho, abre facilmente um suco de caixinha e tantos outros aprendizados, e ele atualmente tem cinco anos, ainda aprenderá muito mais.

Em razão do relato de experiência apresentado, ao mensurar os processos realizados, a partir das metodologias que foram estabelecidas, entre a criança e as habilidades desenvolvidas com o apoio da ABA, verificamos que a abordagem da Análise do Comportamento Aplicada demonstrou eficácia em se tratando do aprendizado de uma criança autista. Como já mencionado, a Análise do comportamento aplicada não é um método em específico, mas sim, uma abordagem na qual o aplicador escolhe o método que acha que seja mais eficaz.

Vale salientar que a junção dos fatores são favoráveis para a progressiva aprendizagem da criança autista. Na instituição que João estuda há o conhecimento dessa abordagem, bem como de sua eficácia, por isso é aplicada na escola. Dessa forma, cada criança é ensinada atendendo às suas necessidades e respeitando sua individualidade.

Algumas possuem o Plano Educacional Individualizado (PEI), outras não precisam, pois conseguem acompanhar a turma nas atividades e tarefas pedagógicas (com o auxílio da mediadora). Tendo o respaldo do PEI (ou não) e auxílio da mediadora, as atividades, tarefas, demandas da rotina são realizadas usando a abordagem da forma como já descrita, por meio de comandos, instruções que são dados e que para a sua realização talvez demande um grau de ajuda (ajuda física e/ou verbal total e ajuda física e/ou verbal parcial).

Considera-se que todos os processos e práticas na sala de aula com crianças autistas pode ser produtiva. A demanda quando cumprida é reforçada, para que assim, o comportamento continue acontecendo e motive a criança. Ressalta-se que quando há uma comunidade preocupada e interessada a pesquisar e envolver novas metodologias, intervenções, ferramentas, materiais e uma equipe que possa amparar e cuidar das crianças com especificidades educacionais, como a eficiente utilização da ABA por exemplo, percebemos que as oportunidades e melhorias de vida emergem, tanto nas relações dessa criança com o mundo, quanto consigo mesma e a superação das suas limitações e dificuldades.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. DSM-5 (American Psychiatric Association), 5ª ed. Artmed, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2022.

BRASIL. **Lei N° 12.764 de dezembro de 2012** - Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 25 out. 2022.

CABRAL, C. S.; MARIN, A. H. **Inclusão Escolar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão Sistemática da Literatura**. Educação em Revista, Belo Horizonte, 2017. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/edur/a/LwWNFfpwcvWRvdwLTkMvdWF/abstract/?lang=pt>>.

Acesso em: 25 set. 2022.

CADORI, S.; ALBRECHT, A. R. M. **Autismo e Escola: Desafios da Inclusão no Ensino Regular**. Repositório Institucional Uninter, Uninter Centro Universitário, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.uninter.com/handle/1/897>>. Acesso em: 25 set. 2022.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e Práticas Educativas na Escola e na Família**. 7ª ed., Wak Editora, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PrT1DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=autismo+e+inclus%C3%A3o+psicopedagogia+pr%C3%A1ticas+educativas+na+escola+e+na+fam%C3%ADlia+pdf&ots=1K50hLWW3B&sig=E7u6BTtI9JT5cmP4ywcT8yNbl6I#v=twopage&q&f=false>>. Acesso em: 30 de out. 2022.

KERCHES, D. **Imitação no Autismo**. Deborah Kerches - Neuropediatra, Piracicaba - São Paulo, 2019. Disponível em: <https://dradeborahkerches.com.br/imitacao-no-autismo/page/5/?et_blog#:~:text=crian%C3%A7as%20com%20autismo%20costumam%20aprender,de%20maneira%20%C3%ADstica%20e%20prazerosa>. Acesso em: 22 out. 2022.

LACERDA, L. **Mediador Escolar: Quem Tem Direito?**. Canal autismo, 2019. Disponível em: <<https://www.canalautismo.com.br/numero/004/mediador-escolar-quem-tem-direito/>>. Acesso em: 21 out. 2022.

LEAR, K. **Help Us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA (Ajude-nos a aprender: Um Programa de Treinamento em ABA)**. Part I: Training Manual, 2ª edição, Canada, 2004. Disponível em: <<http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2022.

LOVAAS, O. I. **Behavioral treatment and normal education and intellectual functioning in young autistic children**. Journal of Consulting and Clinical Psychology, v. 55, n.1, p.3-9. American Psychological Association, 1987. Disponível em: <<https://earlyautismservices.com/wp-content/uploads/2018/02/lovaas-1987.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2022.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?**. Ed. Moderna, 1ª Edição, São Paulo , 2003.

MELLO, A. M. R. **Autismo: Guia Prático**. 6ª Edição. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/wp-content/uploads/2019/05/CAPA_GUIA_PRATICO_9_EDICAO_V3-mesclado-ALTA.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

MESQUITA, W. S.; PEGORARO, R. F. **Diagnóstico e tratamento do transtorno autístico em publicações brasileiras: revisão de literatura**. Universidade Paulista de Goiânia, Goiás, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/2020/12/V31_n3_2013_p324a329.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

MIRANDA, B. de M. *et al.* **Desafios no Processo de Ensino/Aprendizagem na Alfabetização de uma Criança com TEA**. VI Congresso Nacional de Educação, Conedu, Ceará, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA8_ID1608_21082019164215.pdf>. Acesso em 26 set. 2022.

OLIVEIRA, F. L. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>>. Acesso em: 25 set. 2022.

RISSI, R. S. **Análise Aplicada do Comportamento e Atendimento às Crianças com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: <<https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/4195/1/ANALISE%20APLICADA%20DO%20COMPORTAMENTO%20E%20ATENDIMENTO%20AS%20CRIAN%20c3%87AS%20....pdf>>. Acesso em: 03 out. 2022.

SILVA, L.; FRIGHETTO, A. M.; SANTOS, J. C. **O Autismo e o Lúdico**. Revista Nativa – Revista de Ciências Sociais do Norte do Mato Grosso, 2013. Disponível em: <<https://silo.tips/download/o-autismo-e-o-ludico>>. Acesso em: 26 set. 2022.

ANEXO

FAC UNICAMPS
Faculdade Unida de Campinas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu Vitória Gabriella Souza Nunes RA 40671
Declaro, com o aval de todos os componentes do grupo a:

AUTORIZAÇÃO (X)
NÃO AUTORIZAÇÃO ()

Da submissão e eventual publicação na íntegra e/ou em partes no Repositório Institucional da Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS e da Revista Científica da FacUnicamps, do artigo intitulado: Análise do Comportamento Aplicada (ABA): O Ensino de Habilidades Sociais e Cognitivas em Crianças Autistas na Sala de Aula
De autoria única e exclusivamente dos participantes do grupo constado em Ata com supervisão e orientação do (a) Prof. (a): Márcia Friedrich

O presente artigo apresenta dados válidos e exclui-se de plágio.

Curso: Pedagogia, Modalidade afim Licenciatura

Vitória Gabriella S. Nunes
Assinatura do representante do grupo

M. Friedrich
Assinatura do Orientador(a):

Obs: O aval do orientador poderá ser representado pelo envio desta declaração pelo email institucional do mesmo.

Goiânia, de _____ de 202__

facunicamps.edu.br
facunicamps
SomosUnicamps